



IVAN JAF

UM VAMPIRO APAIXONADO NA CORTE DE D. JOÃO

**Ilustrações
ALEX SENNA**

2ª edição

ea
editora ática

UM VAMPIRO APAIXONADO NA CORTE DE D. JOÃO

© Ivan Jaf, 2007 (1ª edição)

© Ivan Jaf, 2020 (2ª edição)

Direção Presidência	Mario Ghio Júnior
Direção de Operações	Alvaro Claudino dos Santos Junior
Direção de Negócios	Daniela Lima Villela Segura
Gerência editorial	Fabio Weintraub
Edição	Andreia Pereira
Planejamento e controle de produção	Flávio Matuguma
	Juliana Batista
	Juliana Gonçalves
	Carolina Villari Tresolavy
Coordenação comercial	
Projeto gráfico e diagramação	Nathalia Laia
Revisão	Kátia Scaff Marques (coord.)
	Brenda T. M. Morais
	Claudia Virgilio
	Daniela Lima
	Malvina Tomáz
	Ricardo Miyake

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Jaf, Ivan, 1957-
Um vampiro apaixonado na corte de D. João / Ivan Jaf ;
ilustrações de Alex Senna. - 2. ed. - São Paulo : Ática,
2020.
120 p. : il., color. (Memórias de vampiro)
ISBN: 978-85-0819-651-7
1. Literatura infantojuvenil I. Título II. Senna, Alex III.
Série
20-1883 CDD 028.5

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

ISBN: 978-85-0819-651-7

CL: 525034

CAE: 728362

2020

2ª edição

1ª impressão

Impressão e acabamento:

Direitos desta edição cedidos à Somos Sistemas de Ensino S.A.

Avenida Paulista, 901, Bela Vista — São Paulo — SP

CEP 01310-200 — Tel.: (11) 4003-3061

atendimento@aticascipione.com.br

Conheça nosso portal de literatura

Coletivo Leitor: www.coletivolector.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



SUMÁRIO

- 1** Um príncipe no mato,
sem cachorro. **7**
- 2** “O sistema atual deste governo
é não ter sistema algum,
e ir vivendo.” **11**
- 3** “Todos andavam sem tino...
Temendo que lhes
faltasse tempo.” **17**
- 4** Guerra
de vampiros. **23**
- 5** “Não vá tão depressa,
assim pensarão que estamos
a fugir!” **27**
- 6** “Só Deus sabe para que praia
seremos arrastados.” **32**
- 7** A chegada
dos patrões. **37**
- 8** Vampiro
apaixonado. **43**
- 9** O melhor vizinho
é um beato doido. **49**
- 10** Estratégia
para sedução. **55**
- 11** Fofocar não é
trabalho que canse. **59**
- 12** “A mais linda paisagem,
entregue aos porcos.” **63**

13 Invasões
de privacidade. **68**

14 A valsa do
pernilongo. **73**

15 A eternidade por
um beijo na boca. **78**

16 Nas tetas
do Tesouro. **82**

17 Onde se pensa que há carnes,
não há nem espeto. **86**

18 A queda começa
com o tropeço. **92**

19 Sangue, paixão
e compulsão. **97**

20 Não há água
que apague esse fogo. **101**

21 Sanguessugas
não podem amar. **106**

22 Abraço
mortal. **111**

23 “As almas não gostam
de ficar sem corpos.” **116**

*Se dizem, fero Amor, que a sede tua
Nem com lágrimas tristes se mitiga,
É porque queres, áspero e tirano,
Tuas aras banhar em sangue humano.*

Luís de Camões, *Os lusíadas* (Canto III)

Um príncipe no mato, sem cachorro.



De 1640 a 1807, dos seis reis dos Bragança que governaram Portugal, dois acabaram loucos de hospício: D. Afonso VI e D. Maria I. Diziam que o sangue dos Bragança era ruim. Clemente, meu pai-vampiro, aquele que me transformou em vampiro durante a Grande Peste de 1506 em Lisboa, como eu conto no meu livro *A insônia do vampiro*, quis experimentar que gosto tinha o sangue real, e cismou de morder o pescoço de D. Maria I.

Numa noite de outubro de 1807, disfarçado em névoa avermelhada, ele penetrou no Palácio de Queluz disposto a tomar um “drinque”, que é como chamamos um pequeno gole de sangue tirado da jugular de alguém adormecido.

Flutuou pela antessala dos aposentos reais e se materializou no quarto da rainha. Levou um susto! Um outro vampiro já estava debruçado sobre o corpo de D. Maria I! Dois olhos vermelhos como brasas o encararam, e da boca lambuzada de sangue partiu uma blasfêmia em inglês!

Um vampiro britânico estava chupando o sangue real dos Bragança!

O outro vampiro partiu como uma flecha, com as mãos estendidas para a frente, na direção da garganta de Clemente.

Ainda mais rápido, este o agarrou pelos braços e girou-o duas vezes no ar, antes de atirá-lo com toda a força contra a parede. O choque seria suficiente para transformar um humano normal numa pasta, mas o outro quicou na parede, voou até o lustre de cristal e, de lá, tornou a se lançar sobre Clemente, que dessa vez o esperava com um pequeno sabre sacado da cintura.

Para não se chocar diretamente contra a ponta afiada do sabre, o vampiro inglês deu uma cambalhota em pleno ar, para surpreender Clemente pelas

costas, enganchando-se em seu pescoço com as pernas, agarrando sua cabeça com as mãos. Nesse movimento, sua capa preta passou por cima da cabeça dos dois, tapando a visão de Clemente, que sentiu as unhas afiadas rasgando sua testa. Ele então cambaleou, com os braços para a frente, sem enxergar, perdeu o equilíbrio e caiu sobre a cama da rainha.

D. Maria I acordou, viu aquela aparição medonha, dois vampiros enfurecidos brigando em cima dela, e começou a gritar! Gritar como uma louca!

Os dois se transformaram em névoa e fugiram pela fresta da janela. Bem a tempo. Atraídos pelos gritos, os guardas invadiram o quarto real.

Ninguém acreditou na rainha. Ela era católica demais. Via o demônio em tudo. Noites e noites acordada, gritando “Ai Jesus! Ai Jesus!”, berrando que as chamas do inferno estavam invadindo o quarto. Aquele foi considerado mais um dos pesadelos após os quais ela acordava aos gritos, completamente histérica, dizendo ter visto satanás em sua cama.

Não à toa a chamavam D. Maria I, a Louca.

Meu pai-vampiro é uma figura imponente: alto, magro, com uma longa cabeleira branca e o rosto muito bem barbeado. Tinha 55 anos quando foi transformado em vampiro, no ano 1000. Sua aparência não mudaria, e teve muita sorte, pois recebeu o Grande Abraço antes de ir a um baile: entrou para a nossa quase eternidade escanhado, de unhas feitas, cabelos longos, tratados e bem aparados, e de banho tomado, pele limpa...

O que fazia no século XI, Clemente continua fazendo até hoje: ir a festas, varar madrugadas em mesas de jogo, dançar, frequentar óperas e teatros, sempre cínico e de bom humor.

Ele se encontrava em Lisboa, naquele outubro já frio e chuvoso de 1807, para cair na farra. Sempre que a possibilidade de uma tragédia natural, uma peste ou uma guerra ameaçava abater muitos humanos, Clemente, assim como muitos vampiros e lobisomens, aparecia para chupar o sangue das vítimas à vontade, sem levantar suspeitas.

Lisboa estava às vésperas de uma grande tragédia. Ou seria arrasada pelos exércitos de Napoleão, ou destruída pelos canhões dos navios ingleses.

Desde 1799, quando, por um golpe de estado, aboliu a constituição republicana na França e concentrou todo o poder no cargo de primeiro-cônsul, que ele mesmo ocupou, Napoleão Bonaparte começou a expandir seus domínios. Em 1805 arrasara os exércitos da Áustria. Em 1806 ocupara Berlim. No começo de 1807 entrou em Varsóvia. Pouco depois venceu as tropas russas,

dominando a Europa oriental. A cada sítio conquistado, formava ducados e reinos, colocando no comando seus marechais, ou mesmo familiares. No outono de 1807 seu império estava no auge, estendendo-se por quase toda a Europa.

A Grã-Bretanha, graças à sua superioridade naval, era a única que ainda resistia. Mas a situação dos ingleses estava se tornando precária. Em 1806, com o Decreto de Berlim, Napoleão estabeleceu um bloqueio geral, impedindo que os países europeus tivessem relações comerciais ou diplomáticas com as ilhas britânicas e suas colônias.

Vivia-se o apogeu da Revolução Industrial, e França e Inglaterra disputavam os mercados consumidores para escoar suas produções. Um bloqueio econômico seria a ruína dos ingleses. Para piorar, seu rei, Jorge III, também dava sinais de loucura.

Com toda a Europa obedecendo à França, inclusive a Espanha, desde 1795 aliada a Napoleão, a Grã-Bretanha só contava com os três países que se declaravam neutros: Suécia, Dinamarca e Portugal.

A neutralidade portuguesa não era um ato de coragem. Por um lado, os portugueses pagavam 40 mil libras esterlinas a Napoleão para que não fossem invadidos; por outro, devendo até os fios de cabelo, atados de pés e mãos a “acordos” comerciais, não podiam romper relações com os ingleses nem enfrentar a poderosa esquadra naval deles.

Portugal, encurralado por terra, sofria a pressão continental de Napoleão. Por mar, com portos estratégicos vitais para o comércio com o Atlântico, padecia a pressão marítima dos britânicos.

Após enlouquecer completa e oficialmente, em 1792, D. Maria I passara o poder a seu filho D. João, agora príncipe regente, que tentava enrolar ambos os lados o quanto pudesse.

Acostumados havia décadas a canalizar para si o ouro brasileiro, que afinal financiou sua Revolução Industrial, os ingleses não admitiam perder Portugal para a França de jeito nenhum.

Em agosto de 1807 Napoleão mandou um ultimato: ou Portugal se aliava à França até 1º de setembro, ou invadiria o país. Aliar-se à França significava cortar o comércio com os ingleses, expulsá-los do território português e confiscar todos os seus bens.

D. João ficou num mato sem cachorro.

Naquele mesmo agosto os britânicos deram um recado aos países neutros que aderissem a Napoleão: entraram no porto de Copenhague, capital

da Dinamarca, apossaram-se de toda a frota, saquearam completamente a cidade e depois a bombardearam e incendiaram, matando mais de mil pessoas.

Até os postes da cidade sabiam que Lisboa seria a próxima.

Mas, se apoiassem a Inglaterra, também sabiam o que esperar: ocupação militar francesa e derrubada do trono português. Seria o fim da dinastia dos Bragança! E, o pior para D. João, o tormento de todo rei absolutista daqueles tempos: a guilhotina!

O que D. João tratou de fazer foi literalmente tentar “salvar o pescoço”, conseguindo que seus diplomatas adiassem o ultimato de Napoleão para fins de setembro.

O que mais alarmou o povo foi o exército português não tomar nenhuma posição defensiva. O único movimento que se via, e mesmo assim à noite, ocorria junto às docas de Belém, na zona portuária, com muita gente graúda circulando por lá, intensa movimentação de carruagens reais e grande pressa nos trabalhos de reparo da frota.

O povo não sabia dos planos de fuga da corte. Mas começava a desconfiar.

Ainda mais quando a notícia se espalhou: Napoleão afinal ordenara a invasão de Portugal! O general Junot partira em direção a Lisboa com 20 mil soldados!

Os portugueses se prepararam para a guerra. Os homens mandavam suas mulheres e filhas para o interior, para evitar que fossem estupradas pelos soldados invasores. Os comerciantes levantavam barricadas contra os saques. Ladrões aproveitavam o tumulto. Corriam boatos de todos os lados! E rezas e novenas! A guerra era inevitável.

Vampiros chegavam a Lisboa, como urubus à espreita de carniça.

Meu pai-vampiro vivia na cidade do Porto, como chefe da congregação local. Nós, vampiros, nos organizamos em congregações e, de tempos em tempos, escolhemos chefes para presidi-las. É uma forma de nos organizarmos um pouco, e resolvermos nossas diferenças. É um costume milenar. Toda cidade tem uma. E isso é assim até hoje.

Clemente era um dos que estavam por Lisboa, naquele final de ano movimentado. Não ia perder a oportunidade de se faltar de sangue humano. Das duas uma: ou haveria bombardeio por mar, ou invasão por terra.

“O sistema atual deste governo é não ter sistema algum, e ir vivendo.”

(J. B. F. Carrère)

Foi depois do encontro com o vampiro inglês no quarto da rainha que Clemente reparou na quantidade de vampiros estrangeiros misturados ao povo, sentados nas escadarias aos grupos, encostados nos muros, debruçados em varandas, tranquilamente, como veranistas num balneário de sangue. Algo além da carnificina iminente os estava atraindo a Lisboa. Achou melhor perguntar aos lobisomens.

Os portugueses tinham o costume de erguer uma cruz nas encruzilhadas das estradas, para afastar lobisomens, mas não sabiam que estes não temiam os símbolos católicos e que, só de pirraça, usavam as cruzes como locais de reunião. Meu pai conhecia um, particularmente peludo e agressivo, de nome Manuel Rodrigues, tido como um “jornalista” da época, que fazia ponto numa encruzilhada na estrada para a cidade do Porto. Cada cemitério era uma espécie de agência de notícias para ele. Sabia de tudo o que se passava no reino das trevas.

Manuel Rodrigues contou-lhe o que precisava saber.

— Os vampiros franceses estão dominando toda a Europa, não sabias?
— Manuel Rodrigues agarrou o braço de Clemente, com sua pata suja de sangue coagulado e terra de cemitério. — Seguem os passos de Napoleão, substituindo os chefes das congregações locais por aliados.

— Um bloqueio continental de sangue contra os vampiros ingleses? — meu pai riu.

— Quem sabe? O certo é que já estão em Lisboa.

— Quem?

— O próprio chefe da Congregação de Paris!

— Du Fleur?

— Conheces?

— Estive com ele em 1560, na coroação do rei Charles IX. Du Fleur foi procurador-geral. Os dois praticavam necromancia no Louvre. E chupavam o sangue de cabras.

Manuel lambeu os beiços:

— E não é só ele! — completou. — O chefe de Madri, Iglésias, também está aqui.

— Bertoldo Iglésias?

— Esse mesmo.

— Assistimos a muitas touradas juntos, no século XVII, no reinado de Filipe IV. Iglésias promovia touradas à noite, só para os vampiros. O toureiro era vampiro também. Acabava com o touro a dentadas. Depois chupava o bicho. Bons tempos...

— Estás a me dar sede.

Manuel Rodrigues devia estar enganado. Clemente voltou a Lisboa com a intenção de procurar Du Fleur e Iglésias. Eram velhos conhecidos seus, respeitavam-se. Não ousariam provocar uma guerra. Precisava encontrá-los. Onde estariam?

Du Fleur era um vampiro refinado, amante de ópera. Iglésias era mais popular, talvez àquela hora estivesse em algum teatro do Salitre, ou do Bairro Alto.

Du Fleur era mais importante. Melhor tentar a Ópera da rua dos Condes.

Chegou justamente na saída. Espantou-se com a quantidade de frequentadores de ópera, com a cidade às vésperas de uma guerra. Voou até o beiral de um sobrado e observou.

Os humanos eram estranhos. Os *franceses* estavam invadindo Portugal; os *franceses* vinham destituindo as monarquias e propagando a república; eram considerados demônios; os filósofos *iluministas franceses* vinham sendo excomungados; os livros *franceses* eram proibidos; *franceses* republicanos presos; navios *franceses* apresados; espiões realistas portugueses espalhados pelo povo denunciavam agitadores republicanos *franceses*... Mas na saída de um teatro podia-se ver toda a elite vestida como... *franceses*!

Era a moda.

Fidalgos janotas entravam em suas seges usando espadim, casaquinha, camisa de Holanda, luvas de manopla, gravata e sapatos afivelados; as mulheres, cobertas com veludos e sedas, chapéus de plumas com presilha, cabelos esticados a ferro. Todos tentando encaixar palavras francesas a cada frase.